

O DISCURSO DE HIPÓLITO NA *FEDRA*, DE SÊNECA, E A RECUSA DA *VRBS*

Zelia de Almeida Cardoso (USP)*

Resumo: Apesar de o estatuto da cidade ter sido uma das grandes preocupações da antigüidade, as palavras de Hipólito, na *Fedra*, de Sêneca, mostram que a vida urbana favorece a desarmonia e os crimes; para o jovem, é na floresta, em contato com a natureza, que o homem encontra sua felicidade e sua razão de ser. A recusa da *urbs* e a pregação do retorno às origens complementam o que já fora exaltado pela poesia greco-latina anterior a Sêneca: a prevalência da vida no campo sobre a que tem por cenário a cidade.

Palavras-chave: Sêneca; tragédias; vida urbana X vida no campo e na floresta.

A análise do longo monólogo de Hipólito, presente no primeiro episódio da *Fedra*, de Sêneca, entre os versos 483 e 564, nos leva a refletir sobre um tema bastante recorrente na poesia greco-latina: as oposições cultura/natureza, vida urbana/ vida no campo e na floresta.

A cidade, com sua complexidade de características, é um dos principais símbolos da vida cultural greco-romana, embora haja sensíveis diferenças de estrutura entre a cidade grega e a itálica. A Grécia se constituía de um conjunto de cidades-estado, cada uma com sua organização, seu chefe e suas leis; o mundo latino e, mais tarde, o Império Romano, embora contando com alguns centros de certa relevância, teve, durante muito tempo, uma única cidade de importância capital, na qual se concentravam os poderes: Roma, a *urbs* por excelência.

Muito já se discorreu sobre a *pólis* grega. Entre os numerosos estudos sobre suas particularidades, destaca-se pela objetividade e rigor científico *La cité grecque*, de Gustave Glotz¹. Reportando-se inicialmente a Aristóteles, que definiu o homem como “um animal político” e

distinguiu diferentes estágios na formação da cidade grega, e a Fustel de Coulanges, o autor de *La cité antique*, que procurou a explicação das instituições na religião, Glotz se contrapôs a algumas das posições assumidas por aqueles autores. Discutiu as teorias sobre a origem da *pólis*, em cuja formação considerou o confronto de três forças - a família, a cidade e o indivíduo -, e se deteve na análise da cidade democrática e na explicação de sua decadência. Nesse trabalho, retomando por vezes o que já havia dito no volume I da *Histoire Grecque*², sobretudo no capítulo IV, o autor acompanhou a evolução da cidade na Grécia, do século XIII ao IV a.C.

Glotz documentou suas suposições com dados colhidos na *Ilíada* e na *Odisséia*, e também procurou respaldo nas *Helênicas* de Xenofonte, na *Política* de Aristóteles e em obras de Heródoto, Tucídides, Platão, Políbio e Plutarco³. Com base nesses textos fez importantes observações sobre a *pólis* propriamente dita e mostrou que as cidades não eram organizadas apenas politicamente; existia um plano construtor que determinava os próprios elementos materiais necessários à organização política: o local escolhido - geralmente uma elevação -, as muralhas defensivas, as habitações para os cidadãos, o santuário, o palácio do rei, depois substituído pelo pritaneu, o *bouleutérion*, onde funcionava o Conselho, a *agorá*, ou praça, que servia como lugar de reunião, de encontro e de mercado, e os subúrbios.

As características dessa *pólis*, da qual são exemplos significativos Atenas, Corinto, Micenas, Esparta, Tebas e tantas outras, podem ser comprovadas por meio da literatura, da história, da arqueologia e das ruínas remanescentes.

No caso das cidades itálicas, conquanto a estrutura política fosse diferente da das cidades gregas, o aspecto material tinha pontos de contato com o delas. Tito Lívio⁴, ao relatar a fundação e a construção de Roma, baseando-se numa tradição histórico-lendária, fala dos passos dados pelos fundadores em todo o processo. Conforme as palavras do historiador, houve um plano, anterior à construção, um projeto. Rômulo e Remo quiseram fundar, no lugar em que haviam sido expostos e cria-

dos, uma cidade que, por sua importância, faria Alba e Lavinium parecerem pequenas e insignificantes (Tito Lívio I, VI, 3). Houvera, portanto, uma pré-determinação e a escolha do local para o assentamento fora consciente. Prosseguindo, Tito Lívio faz referências à muralha que cercava a cidade, às fortificações posteriores feitas por Rômulo no Palatino (VII, 3), ao crescimento da cidade, que, aos poucos, conquistava mais espaços (VIII, 4) e ao primeiro santuário erguido em homenagem a Júpiter (X, 7).

Embora Tito Lívio tivesse utilizado elementos lendários, preservados possivelmente pela oralidade de uma poesia arcaica, o início da cidade não deve ter sido muito diferente daquilo que o relato nos mostra. O local, escolhido talvez por interpretação de augúrios, foi delimitado e fortificado, como o prova a arqueologia; foram construídas cabanas, um templo foi edificado. É possível que se tenha atendido aos passos estabelecidos pela religião etrusca, adotada por diversas comunidades itálicas: a celebração da *inauguratio* (consulta à vontade dos deuses), a *limitatio* (demarcação) e a *consacratio* (realização de sacrifícios propiciatórios). Nascendo, porém, como tantas outras aldeias, Roma não tardou a iniciar o longo percurso que a levaria à condição de metrópole.

Do primeiro período da história romana restam as lendas, sendo muito pouco o que se conhece com certeza. Segundo A. Piganiol⁵, a própria data da fundação da cidade é contestada. Varrão afirma que Roma foi fundada em 753 a.C.; Políbio, em 751; Fábio Pictor, em 747. De acordo com informação oferecida por E. Lasserre (Tite-Live, 1944, p.346, n.21), contudo, escavações realizadas em 1907 mostraram na região do Palatino e do Aventino vestígios culturais do século IX, recuando-se, pois, a data tradicional, em cerca de um século.

De qualquer forma, Roma nasceu como uma pequena aldeia, às margens do Tibre, graças ao trabalho de pastores albanos, ou de etruscos, conforme outras suposições. Cresceu rapidamente nos primeiros séculos - a chamada "época dos reis" -, abrigou trânsfugas das vizinhanças, de várias proveniências, e cedo se transformou num centro comercial, em virtude de sua excelente posição estratégica e das relações mantidas

com a Etrúria⁶. Guerras travadas com sabinos, équos e volscos ampliaram rapidamente o território romano e consolidaram o poderio que, em meados do século VI a.C., passou das mãos de *reges* para as de pretores e cônsules eleitos, instalando-se, então a república. A cidade, nessa época, já podia ser considerada como um centro importante. As casas, bem construídas, ofereciam conforto, a atividade do porto era intensa, havia numerosas oficinas industriais e o comércio se desenvolvia satisfatoriamente.

Até o início do século IV, contudo, embora já tivesse obtido muitas vitórias significativas sobre os povos itálicos, Roma não era suficientemente fortificada. A invasão dos gauleses, em 390, o saque, o esmagamento do exército e a destruição de grande parte do território urbano mostraram sua falibilidade diante de um inimigo poderoso. Mas Roma conseguiu sobreviver para sua própria restauração. Foi reconstruída e se preparou para desempenhar o papel que lhe coube, a partir desse momento, no cenário histórico, vencendo os samnitas, iniciando a conquista da Magna Grécia, obtendo vantagens em tratado firmado com gauleses e se transformando na potência mediterrânea que venceria os cartagineses, conquistaria a Sardenha e a Córsega, se apossaria das duas margens do Adriático, obteria hegemonia militar e econômica, estenderia seu domínio à Hispânia, chegaria à Ásia, anexaria a Macedônia, libertando as cidades gregas, e dominaria, mais tarde, o norte da África, o Ponto, a Síria, a Judéia, a Gália, parte da Germânia e da Britânia e a Dácia⁷.

Leonardo Benevolo, em *História da cidade*⁸, mostra que a transformação de Roma, de vilarejo sem importância em uma *urbs* grandiosa, gerou profundas modificações em todo o território por ela dominado: construíram-se estradas, pontes, aquedutos, linhas fortificadas; os edifícios urbanos se multiplicaram e a cidade se tornou imponente e grandiosa. Algumas datas importantes assinalam tal evolução: em 484, por exemplo, foi inaugurado o templo de Cástor e Pólux; em 329, o Circo Máximo; em 312, o primeiro aqueduto; em 221, o Circo Flamínio; em 192, o entreposto do Tibre; em 179, a basílica Pórcia; em 149, o pórtico de

Metelo; em 55, o teatro de Pompeu. Na época de Júlio César foi ampliado o Foro Romano; na de Augusto urbanizou-se o Campo de Marte e construíram-se o teatro de Marcelo, o templo de Apolo, com suas bibliotecas, as termas, o panteão, o mausoléu do Imperador, a *Ara pacis*.

Os poetas desse período são pródigos em reconhecer a grandeza da *urbs*. “Esta cidade ergueu a cabeça entre as outras, tanto quanto os ciprestes costumam erguê-la entre as flexíveis gramíneas”, diz o pastor de Virgílio, dirigindo-se ao companheiro (*B. I*, 24-5); segundo Propércio, Roma é “a altiva cidade das sete colinas, que comanda o mundo” (*Prop. III*, xi, 57); “A urbe corresponde ao orbe”, afirma Ovídio, de forma enfática (*Ov. F. II*, 683-84); “para os outros povos foi conferida uma parte especial da terra; para os romanos o espaço da cidade coincide com o espaço do universo”.

Imperadores posteriores a Augusto se encarregaram de continuar o trabalho, dando a Roma a fisionomia que mostrava na época de seu apogeu. Nero fez construir a *Domus aurea*, descrita por Tácito (*Ann. XV*, 43); Vespasiano, o Coliseu e o foro da Paz; Trajano, o foro Trajano, as termas de Trajano, a casa das Vestais, a coluna de Trajano.

A qualidade de vida, porém, pelo menos para a maioria da população, não condizia com a grandiosidade dos monumentos, a beleza dos edifícios, o esplendor ostentado. Superpovoada, conforme a descreve J. Carcopino, baseando-se em Juvenal, Aulo Gélíio e Élio Aristides⁹, com bairros populares e miseráveis, ruas estreitas e escuras, casas de cômodos altíssimas, que se elevavam para abrigar centenas de pessoas e não raro desmoronavam ou se incendiavam, Roma se assemelhava a muitas das cidades modernas, apresentando os mesmos problemas e a mesma impossibilidade de solução. Por outro lado, a decadência dos costumes se acentuava dia a dia, confirmando que a moral não mede seus passos pelos do progresso.

É possível que tais razões tenham pesado na escolha de temas feita por poetas romanos que, apesar de se sentirem envaidecidos com a grandiosidade da *urbs* e chegarem a colaborar, como ocorreu na época

de Augusto, com a política publicitária do Imperador, promovida por Mecenas¹⁰, muitas vezes exaltaram o campo em detrimento da cidade.

A valorização da vida simples, em contato com a natureza, é um dos *tópoi* da poesia grega. Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*, mostrara o labor campestre como uma forma da “luta boa” que se opõe à “luta má”, representada pelas guerras. A poesia pastoril alexandrina, estudada minuciosamente por P. Legrand¹¹, vira a natureza como algo pacífico e idílico, como um refúgio tranqüilo, onde o som harmonioso produzido por insetos e cachoeiras substitui os ruídos desagradáveis dos carros e ferreiros da cidade.

Em Roma, Lucrécio, ao discorrer sobre os primórdios da civilização, falara da vida calma dos primeiros homens e da fundação das comunidades urbanas com as quais se iniciou uma série de atos que levariam os seres humanos à prepotência, à discriminação, à ambição e às guerras:

“Os próprios reis começaram a fundar cidades e a construir fortalezas como proteção e refúgio e dividiram o gado e os campos e os doaram de acordo com a aparência de cada um, a força e o talento, pois a aparência valia muito e a força prevalecia” (*RN*, V, 1108-12)¹².

Virgílio, nas *Geórgicas*, elogiara os agricultores que viviam felizes conquanto ignorassem o luxo dos grandes centros, a industrialização e o burburinho¹³. Horácio, em vários momentos de sua obra¹⁴, fizera o confronto entre a cidade e o campo, ressaltando, sempre, a supremacia do último. Tibulo abominara a ambição pela vida luxuosa, realçando a importância da simplicidade e da natureza que se unem ao amor¹⁵. Até Propércio, poeta “citadino” por excelência, se valeu, por vezes, do mesmo *tópos*¹⁶.

Nenhum desses textos, porém, apresenta a virulência do monólogo de Hipólito que, na *Fedra*, de Sêneca, condenou violentamente a cidade e tudo que se lhe atém.

O monólogo se situa no primeiro episódio da tragédia e está inse-

rido no diálogo que se trava entre a ama de Fedra e o príncipe ateniense. A ama, incapaz de convencer Fedra do desatino da paixão que acometera a rainha, e desejando acima de tudo salvar-lhe a vida em perigo, procurara Hipólito, discorrera longamente sobre a juventude e o amor e instara com o príncipe para que deixasse as florestas, se entregasse aos prazeres de Vênus e se mesclasse aos jovens que apreciam as facilidades da vida urbana:

“Freqüenta a cidade, procura a companhia de teus concidadãos”
(*Phae.* 482)¹⁷.

É o ponto de partida para a resposta do jovem, vazada num discurso veemente e apaixonado. Se os poetas anteriores, tais como Virgílio e Horácio, haviam oposto a vida citadina à agreste, Hipólito a confronta com o primitivismo da vida selvagem:

“Nenhuma outra vida, que cultue de perto os costumes antigos, é mais livre e isenta de vícios do que aquela que, tendo abandonado os muros das cidades, se compraz nas florestas” (483-5)¹⁸.

Em seguida, em uma série de orações negativas que se justapõem num belo efeito retórico e lembram Horácio e Propércio, que trabalharam com temática semelhante¹⁹, mostra o que não ocorre com quem leva tal vida:

“O desvario do espírito ambicioso não inflama aquele que, sem culpas, se consagrou aos cumes das montanhas; nem a aclamação do povo e a multidão que não merece a confiança dos homens de bem, nem o ódio pernicioso, nem os frágeis favores. Ele não é escravo do reino nem, sobrepondo-se ao reino, persegue honras vãs e riquezas efêmeras; como é isento de esperanças e do medo, a negra inveja voraz não o morde com seus dentes degenerados; ele não conhece os crimes nascidos no meio do povo e das cidades, não teme, como os culpados, os gritos da multidão e não diz palavras mentirosas; não procura abrigar-se sob mil colunas como os esbanjadores, nem ostenta, arrogante, vigas suspensas de puro ouro; sangue abundante não lhe inunda os altares santos nem uma

centena de alvos bois, salpicados com farinha sagrada, lhes oferecem seus pescoços”.(486-500)²⁰.

Após essas palavras inflamadas, Hipólito lembra as delícias que aguardam aquele que vive na selva: a liberdade, os espaços abertos, o céu, as caçadas, as águas frescas dos rios, o canto dos pássaros, as sombras das árvores, o tremular dos freixos, as flores, os frutos. De vez em quando, porém, evoca os que vivem nos palácios (501-539):

“Os poderosos bebem numa taça de ouro cheia de inquietações”(518-9)²¹.

As considerações que faz o levam a rememorar a Idade de Ouro, a época em que não havia ambições, nem propriedades particulares, nem navios, nem muralhas, nem soldados; a terra não sofria o peso do arado, os campos nutriam as nações e as florestas lhes ofereciam espontaneamente todas as suas riquezas. Sêneca retoma o antigo tema já explorado por Virgílio, Horácio, Tibulo e Ovídio entre outros²².

O monólogo de Hipólito vai chegando ao fim. A lembrança da Idade do Ouro o põe diante da realidade. Ele fala do pacto rompido pelo *impius lucri furor* (540) - a ímpia loucura do lucro - e pela *sitis cruenta* (542-3) - a sede do sangue. Foi quando nasceu a guerra, nasceram as armas e “o belicoso Marte inventou novas artes e mil formas de morte”(550-1)²³.

Além da loucura guerreira, que ensangüentou a terra e avermelhou o mar, surgiram e se desenvolveram os mais hediondos crimes: o irmão é morto pelo irmão, o pai pelo filho, o marido pela esposa, os filhos pelas mães. O poeta explora o *scelus nefandum*, sobre o qual F. Dupont²⁴ faz importantes observações, mas o exegeta, analisando o texto, talvez veja nas palavras de Hipólito alusões diretas ao que se passava na Roma de Sêneca e de Nero: Cláudio e Britânico assassinados por ordem de Agripina e do Imperador, a força da madrasta, a infâmia levada a termo pelo poder feminino.

“Quem é responsável por todos esses males é a mulher”, diz Hipólito num aparente acesso da misoginia que tipifica a personagem mítica e

talvez disfarce a denúncia. “Essa artífice de crimes se apoderou dos espíritos e tantas cidades se incendiam por seus odiosos adultérios, tantos povos fazem guerras, tantos reinos, revirados em suas profundezas, esmagam as pessoas”(559-62)²⁵.

Saindo da cidade e passando pela paz das matas, o discurso de Hipólito retorna à cidade para ali encontrar um mundo de horrores. O velho mito parece espelhar-se numa realidade violenta e terrível. Os crimes ocorridos em Roma são tão medonhos como os que as velhas lendas relatam. E diante dessa civilização deturpada, desse “mundo de cultura” vergonhoso e cruel, a opção utópica talvez só pudesse mesmo ser a pureza primitiva do viver selvagem.

Ao desvelar os crimes cometidos em decorrência dos sentimentos exacerbados, alimentados pelas facilidades da riqueza urbana, Hipólito talvez opere como o porta-voz de Sêneca que teria colocado na tragédia uma metáfora exemplar: em Roma, o caminho se abre para o triunfo das paixões que acarretam catástrofes irreversíveis; a vida ideal, a felicidade, a tranquilidade e a paz residem, ao contrário, segundo os parâmetros estoicos, na identificação com o que é natural, na simplicidade, no equilíbrio, na sobriedade, na moderação e no domínio das paixões. Recusar a cidade corresponderia, pois, a abominar seus males e a integrar-se no corpo universal cuja alma é o sopro ígneo que comanda a natureza, concedendo-lhe a estabilidade necessária.

BIBLIOGRAFIA GERAL

AYMARD, A. & AUBOYER, J. *Roma e seu Império*. Vol. II. São Pau/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

BENEVOLO, L. *Historia da cidade*. Trad. de S. MAZZA. S. Paulo: Perspectiva, 1983.

CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. Trad. E. FEIST. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990.

DOURADO, M. *Mecenas ou o suborno da inteligência*. Rio de Janeiro: Pon, 1947.

- DUPONT, F. *Le théâtre latin*. Paris: Colin, 1988.
- GLOTZ, G. *A cidade grega*. Trad. de H.A. MESQUITA & R.C. LACERDA. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- GLOTZ, G. *Histoire Grecque*. Tome I. Paris: PUF, 1948.
- GRIMAL, P. *A civilização romana*. Trad. de I. ST. AUBYN. Lisboa: 70, 1988.
- GUERRERO, G. *Nouvelle Histoire Romaine*. Paris: Hachette, 1936.
- LASSERRE, E. "Introduction". In: TITE-LIVE, *Histoire Romaine*. Tome Premier. Introd. e notes de E. LASSERRE. Paris: Garnier, 1944.
- LEGRAND, Ph. *La poésie alexandrine*. Paris: Payot, 1924.
- PIGANIOL, A. *Histoire de Rome*. Paris: PUF, 1954.
- TITE-LIVE, *Histoire Romaine*. Tome Premier. Introd. e notes de E. LASSERRE. Paris: Garnier, 1944.

TEXTOS REFERIDOS

- ARISTÓTELES, *Política* (ARIST. Pol.).
- AULO GÉLIO, *Noites Áticas* (A. GEL.).
- ÉLIO ARISTIDES, *Discursos* (Arist. Or.).
- FÁBIO PÍCTOR, *Anais*.
- HERÓDOTO, *História* (HDT.).
- HESÍODO, *Os trabalhos e os dias* (HES. T.).
- HORÁCIO, *Odes*. (Hor. O.).
- _____. *Sátiras* (HOR. Sat.).
- _____. *Epodos* (HOR. Epo.).
- JUVENAL, *Sátiras* (JUV.).

LUCRÉCIO, *Sobre a natureza* (LUC. RN).

OVÍDIO, *Fastos* (OVID. F.).

_____. *Metamorfoses* (OVID. Met.).

PLUTARCO, *Teseu* (PLUT. Thes.).

PLATÃO, *Leis* (PLAT. Leg.).

POLÍBIO, *Histórias* (POL.).

PROPÉRCIO, *Elegias* (PROP.).

SÊNECA, *Fedra* (SEN. Phae.).

TIBULO, *Elegias*. (TIB).

TITO LÍVIO, *História Romana* (T. LIV.).

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso* (THC.)

VIRGÍLIO, *Bucólicas* (VIRG. B.).

_____. *Geórgicas* (VIRG. G.).

XENOFONTES, *Helênicas* ou *História Grega* (XEN. Hel.)

NOTAS

* Professora Titular de Língua e Literatura Latina da FFLCH-USP.

1. As indicações bibliográficas referentes ao texto de G. Glotz correspondem à versão portuguesa da obra: GLOTZ, G. *A cidade grega*. Trad. de H.A. MESQUITA & R.C. LACERDA. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980. O original é de 1928 (GLOTZ, Gustave. *La cité grecque*. Paris: La Renaissance du Livre, 1928).

2. GLOTZ, G. *Histoire Grecque*. Tome I. Paris: PUF, 1948.

3. *Política*, IV (VII), 10, 4; *Helênicas*, VII, 5, 10; Heródoto, I, 141, 163; 146; 153; 170; VII, 197; Tucídides, I, 2, 1; 5, 1; 7; 8, 3; 10, 2; II, 15, 2; VIII, 44; Platão, *Leis*, IV, 707; 708; V, 737; 738; Políbio, IX, 8 e Plutarco, *Teseu*, 24.

4. Cf. TITE-LIVE, *Histoire Romaine*. Tome Premier. Introd. e notes de E. LASSERRE. Paris: Garnier, 1944.
5. PIGANIOL, A. *Histoire de Rome*. Paris: PUF, 1954. p. 43-44.
6. Cf. GUERRERO, G. *Nouvelle Histoire Romaine*. Paris: Hachette, 1936. p. 10 ss.
7. Cf. GRIMAL, P. *A civilização romana*. Trad. de I. ST. AUBYN. Lisboa: 70, 1988. Cap. II.
8. BENEVOLO, L. *História da cidade*. Trad. de S. MAZZA. S. Paulo: Perspectiva, 1983. p. 133.
9. JUVENAL, *Sátiras* III, 190 ss.; AULO GÉLIO XV, I, 9; ÉLIO ARISTIDES, *Or.* XIV, 1. *Apud* CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do Império*. Trad. E. FEIST. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990. Primeira parte. Cap. II.
10. Na época de Augusto, a proteção ao artista, iniciada por Polião, vai ampliar-se com a oferecida por Mecenas, quando recompensas valiosas passaram a ser oferecidas aos poetas que propagassem a glória de Roma e os feitos de Augusto. Dessa forma, apesar de a grandeza da *urbs* poder tocar a sensibilidade do autor (Cf. AYMARD, A. & AUBOYER, J. *Roma e seu Império*. Vol. II. São Pau/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976. p. 158-159), a “proteção” de Mecenas deve ter sido decisiva para a tomada de posição de Virgílio, Horácio, Ovídio e Propércio (Cf. DOURADO, M. *Mecenas ou o suborno da inteligência*. Rio de Janeiro: Pon, 1947. p. 54 ss.).
11. Cf. LEGRAND, Ph. *La poésie alexandrine*. Paris: Payot, 1924. p. 87 ss.
12. *Condere coeperunt urbemque locare/praesidium reges ipsi perfugiumque,/ et pecua atque agros diuisere atque dedere/ pro facie cuiusque et uiribus ingenioque;/ nam facies multum ualuit uiresque uigebant*
13. G. II, 448-540.

14. Cf. Hor. *O.* II, 15; *Sat.* II, vi; *Epo.* I, 10.
15. Cf. Tib. I, i; II, iii; iv.
16. Cf. Prop. III, xiii, 25-46.
17. *Vrbem frequenta, ciuium coetum cole* (Phae.482).
18. *Non alia magis est libera et uitio carens/ ritusque melius uita quae priscos colat/ quam quae relictis moenibus siluas amat.*
19. Prop. III, ii, 1, 1-14 e Hor. *O.* I, xv; II, xvi.
20. *Non illum auarae mentis inflamat furor/ qui se dicauit montium insontem iugis,/ non aura populi et uulgus infidum bonis,/ non pestilens inuidia, non fragilis fauor,/ non ille regno seruit aut regno imminens/ uanos honores sequitur aut fluxas opes,/ spei metusque liber, haud illum niger/ edaxque liuor dente degeneri petit;/ nec scelera populos inter atque urbes sata/ nouit nec omnes conscius strepitus pauet/ aut uerba fingit; mille non quaerit tegi/ diues columnis nec trabes multo insolens/ suffigit auro; non cruor largus pias/ inundat aras, fruge nec sparsi sacra/ centena niuei colla summitunt boues*
21. ... *sollicito bibunt/ auro superbi ...*
22. O mito das Idades, explorado por Hesíodo em *Os trabalhos e os dias*, foi também focalizado por Virgílio (*B.IV*), Horácio (*Epo.* XVI), Tibulo (I, iii) e Ovídio (*Met.* I, 89-150).
23. *Inuenit artes bellicus Mauors nouas/ et mille formas mortis.*
24. Cf. DUPONT, Florence. *Le théâtre latin*. Paris: Colin, 1988. p. 69. A autora se refere ao *nefas*, o crime hediondo praticado por personagens trágicas, como algo que decorre do *furor* que as acomete e se alimenta da *dolor* que as castiga, fazendo-as matar a moralidade que nelas existe e despir-se do senso de humanidade.
25. *Sed dux malorum femina: haec scelerum artifex/ obsedit animos, huius infestis stupris/ fumant tot urbes, bella tot gentes gerunt/ et uersa ab imo regna tot populos premunt.*